



Universidade Estadual da Paraíba
Departamento de História e Geografia
Centro de Educação
Curso de História

Ilzenir Mayara Porto da Silva

Saúde *versus* doença: Uma análise acerca da saúde e da doença em Campina Grande nos idos de 1850 à 1880.

Campina Grande- P.B
2011

Ilzenir Mayara Porto da Silva

Saúde *versus* doença: Uma análise acerca da saúde e da doença em Campina Grande nos idos de 1850 à 1880.

Artigo Científico apresentado à Universidade Estadual da Paraíba- UEPB- em cumprimento à exigência para obtenção do título de graduado.

Prof. Ms. José Pereira de Sousa Júnior
Orientador

Campina Grande- P.B
2011

S586s Silva, Ilzenir Mayara Porto da.
 Saúde versus doença [manuscrito]: uma análise acerca
 da saúde e da doença em Campina grande nos idos de
 1850 à 1880. ./ Ilzenir Mayara Porto da.Silva. – 2011.
 13 f.

 Digitado.
 Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
 História) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
 Educação, 2011.

 “Orientação: Prof. Me. José Pereira de Souza Júnior,
 Departamento de História”.

 1. Saúde Pública 2. Doenças 3. Práticas de cura I.
 Título.

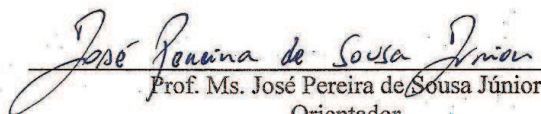
Izenir Mayara Porto da Silva

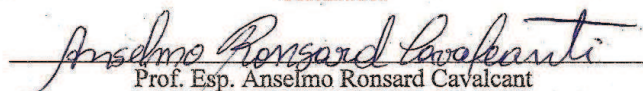
Saúde *versus* doença: Uma análise acerca da saúde e da doença em Campina Grande nos idos de 1850 à 1880.

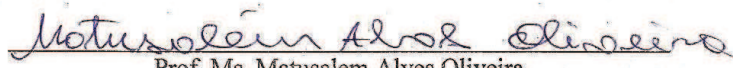
Artigo Científico apresentado à Universidade Estadual da Paraíba-UEPB- em cumprimento à exigência para obtenção do título de graduado.

Aprovada em 30 / 11 / 2011

Banca Examinadora


Prof. Ms. José Pereira de Sousa Júnior
Orientador


Prof. Esp. Anselmo Ronsard Cavalcanti
Examinador


Prof. Ms. Matusalem Alves Oliveira
Examinador

**Campina Grande- P.B
2011**

Saúde *versus* doença: Uma análise acerca da saúde e da doença em Campina Grande nos idos de 1850 à 1880.

SILVA, Ilzenir Mayara Porto da¹

Resumo

Esse artigo tem por objetivo analisar diante das transformações sociais e econômicas ocorridas na segunda metade do século XIX, o cenário de Campina Grande de 1850 à 1880, a respeito do quadro saúde-doença onde muitas vezes a medicina popular era tida como mais eficaz que a medicina oficial, através de suas variadas formas e maneiras realizadas pelo povo da época na tentativa de se curar de todos os males que acometeram e fizeram inúmeras vítimas na época estudada.

Palavras-Chave: Saúde, Doenças, Práticas de cura

¹ Graduanda em Licenciatura em História pela UEPB/ ilzenirporto@gmail.com

Introdução

Durante o século XIX em virtude de uma grande diversidade de doenças, o Brasil viveu um grande surto de epidemias e mostrou-se um país altamente mórbido, com altos índices de mortalidade. Moléstias e mortes eram constantes e ceifavam vidas de crianças e adultos. Esta grande diversidade de doenças, que se estabeleceu no “país”, a partir do século XIX, se dera em grande medida ao inchamento das cidades e as precárias medidas de salubridade do Império e das primeiras décadas da República. Tendo em vista que estas “pestes” não surgiram simplesmente no século XIX, mas sim, estavam presentes nestas terras desde o período colonial, em grande medida trazidas pelos colonizadores e por escravos, como fruto dos desdobramentos de proliferação, desde o velho mundo até as terras tupiniquins.

Não seria muito diferente na Paraíba, principalmente nos períodos de seca a província sofreu com vários surtos epidêmicos durante o mesmo século. A população foi vitimada por mazelas de todo tipo, dentre elas a tuberculose, a malária e a varíola que foi apresentada como uma das principais causas de mortalidade da época. Vários fatores contribuíram para esses surtos epidêmicos, porém o fator principal foi à falta de um sistema de saneamento básico que possibilitasse condições de uma vida melhor a população e percebe-se que a ausência desse sistema é resultante dos processos políticos e econômicos da época que estão passando por grandes transformações.

Neste sentido analisarei a fragilidade da vida humana, como sendo uma das experiências da sociedade brasileira, percebendo os desatinos dos corpos que assolaram a Paraíba Imperial em meados do século XIX e tendo em vista o quadro geral da saúde e da doença e a oposição entre as modalidades de “cura médica” e “cura popular” para as doenças, e como o segundo modelo em vários casos triunfou sobre o primeiro.

Diante desses aspectos também pretendo focar numa ótica que vai do macro ao micro, iniciando precisamente pelo segundo reinado nos idos de 1850 à 1880 na cidade do Rio de Janeiro onde se instalava a corte, seguindo posteriormente para a província da Paraíba, mais precisamente em Campina Grande, nomeada na época como Vila Nova da Rainha, uma homenagem feita a rainha Dona Maria I e hoje também conhecida como “Rainha da Borborema”, devido ao seu grande destaque desde então social e econômico no que tange ao espaço geográfico denominado como Borborema. Esse recorte temporal e espacial se deu devido à grande observância de epidemias de todos os tipos que

acometeram e fizeram muitas vítimas em toda província da Paraíba e mais particularmente em Campina Grande, seguida das práticas de cura de toda sorte que o povo recorria na tentativa da saúde se estabelecer sobre a doença.

2- Um olhar sobre a época

Sabemos que toda a estrutura vigente da época passava por grandes transformações, influenciadas pela modernidade vinda da Europa. Chalhoub diz: “O que se declara, literalmente, é o desejo de fazer a civilização européia nos trópicos.” (CHALHOUB, 1996, P.G 35.)

Tem notícias de que a província do Rio de Janeiro, teve grandes surtos da febre amarela, tendo aparecido inicialmente por volta dos 1850 na corte, fazendo infinitas vítimas com seus sintomas arrebatadores, tendo um breve intervalo pelos idos de 1860 e retornando após essa ausência durante os anos de 1870. A esse respeito Chalhoub diz: “As autoridades médicas encarregadas do combate às epidemias enfatizavam que o surgimento das moléstias se devia, em primeiro lugar, à negligência geral em relação às condições sanitárias da província.” (CHALHOUB, 1996, P.G 66)

Diante do caos que se encontrava todo país, uma nova concepção surge, onde o sujo deve dar lugar ao limpo, a desordem a ordem, na tentativa de combater as epidemias e embelezar a cidade, superando o “atraso colonial”, os médicos higienistas passaram a ter um importante papel, com o surgimento em 1850 da Junta Central de Higiene Pública, órgão criado pelo governo para ser o consultor sobre questões de saúde pública, os higienistas passam a ganhar espaço nesse momento, procurando purificar, higienizar e disciplinarizar os corpos.

Tais questões de saúde pública estavam cada vez mais rotineiras, já que entre os políticos e os governantes daquele período estava bastante presente a noção de que havia um caminho de “civilização” e “aperfeiçoamento moral” a ser buscado, o qual só seria atingido através da solução dos problemas de higiene pública. Porém as autoridades enfrentavam sérios problemas na implantação das medidas indicadas pelos higienistas. Por mais rigorosas que fossem as prescrições dos agentes da higiene, elas eram frequentemente barradas por questões que escapavam ao seu controle, ligadas muitas vezes a hábitos e crenças bastante antigos de diferentes grupos sociais, é onde

entram as práticas de cura que a população recorria, como os médicos ainda eram “escassos” e o povo não tinha um poder aquisitivo que pudesse pagar uma visita médica, o povo recorria mesmo a “medicina ilegal” tida como charlatanismo, os curandeiros, os boticários, as benzeduras, rezadeiras, etc.

Dentre os diversos problemas de saúde pública enfrentados pela Junta de Higiene, havia a questão da “prática ilegal de medicina”, essa batizada de “charlatanismo” além de ameaçarem o sustento dos “senhores médicos”, constituía também um problema para as autoridades higienistas. Segundo Sampaio: “A ampla categoria utilizada por médicos científicos para denominar seus concorrentes, “charlatanismo”, incluía desde curandeiros e espíritas até homeopatas e boticários.” (SAMPAIO, 2001, P.G 112)

Sabemos que os curandeiros, por exemplo, nunca foram bem vistos pelos higienistas, havendo mesmo uma perseguição generalizada a eles pela década de 1880. Mas não era só com os curandeiros que as autoridades higienistas agiam dessa maneira, várias outras atividades, igualmente classificadas como prática ilegal de medicina, também eram alvo da suspeição e do rigor da Higiene Pública.

3-Transformações econômicas e sociais na Paraíba no século XIX

No que diz respeito à Paraíba, a província sofreu durante todo o século XIX, não apenas com um rol infinito de doenças, tornadas banais na sua paisagem, como também com vários surtos epidêmicos. Antes de se passar a história que se quer contar, deve-se salientar que nos últimos anos, o estudo histórico das práticas médicas tem feito parte de uma série de pesquisas e trabalho, até mesmo de pós-graduação por todo o país, onde estudiosos acerca desta temática vem dando uma grande contribuição no que tange a esta temática.

Para Nilo Odália¹:

Há um grande equívoco em imaginar que é possível uma prática historiográfica que comece por si mesma, o que fazemos é sempre referido a uma outra produção, que precisa ser considerada e, mais que isso, problematizada historicamente.

¹ ODÁLIA, Nilo. As Formas do Mesmo. São Paulo, Ed. UNESP, 1997.

Jamais, no entanto, deve ser simplesmente desconsiderada.
(ODÁLIA, 1997, P.G 17)

Analisando o Brasil oitocentista, percebemos que nesse momento o Brasil vivia sob o reinado de D. Pedro II e todo o Norte do Brasil passava por uma grande crise econômica, devido à mudança do foco econômico, as atenções se voltam das províncias do norte para as do sul com a reorganização cafeeira, passando para a posição secundária os principais produtos da Província da Paraíba como o açúcar e o algodão que até então ocupavam uma notável posição, assim afetando ainda mais a economia da província.

É importante abrir um parêntese para destacar que nesse momento o Brasil era recortado entre norte e sul e o que hoje entendemos por Nordeste só se foi construído pelos idos de 1910 como nos mostra Durval Muniz. “Até meados da década de 1910, o Nordeste ainda não existia. Não se pensava em “Nordeste”, nem muitos menos eram percebidos os “nordestinos”.² A crise por qual passou a Paraíba neste século foi tanta que o próprio imperador D. Pedro II, ao visitar a província, sentiu-se incomodado com a pobreza a ponto de oferecer algumas pequenas ajudas financeiras, além de não ter sido recepcionado à altura:

Tanto é assim que, quando estive na Paraíba, em 1859, o Imperador Pedro II, passou a maior parte do tempo distribuindo donativos para as instalações públicas da capital, todas em deploráveis condições. (MELLO, 1995. P.G 119)

Por essa época a província da Paraíba era palco de escravidão, precárias condições sanitárias, desemprego, vagabundagem, aumento populacional, a província sofreu um aumento em seu contingente populacional. Grandeza e prosperidade eram signos de outros tempos, tempos remotos que pareciam não voltar mais. Diante disso, analisando de uma forma mais geral, o Brasil passou a conhecer diversas epidemias, que alteraram a imagem até então difundida de uma “paz social”.

² Ver ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. A invenção do Nordeste e outras artes. Recife: FJN, Ed. Massangama; São Paulo: Ed. Cortez, 1999.

“Entre outros desfeitos do tempo, naqueles dias se viu a repetida e nunca definitivamente interrompida instalação, em algumas províncias, de desordens da natureza. Os corpos dos súditos de Sua Majestade, que deveriam conhecer a paz imperial, viram-se transtornados, atacados que eram por doenças várias, por males endêmicos que desorganizavam a produção e a circulação de bens e de pessoas, causando medos e mortes, males sem conta.” (AGRA, 2003. P.G 17).

Em decorrência desses acontecimentos observamos que aqueles eram anos em que as técnicas de produção mantinha-se estagnadas, os chãos eram ocupados pela exportação extensiva, artefatos modernos só foram substituindo os mais rústicos aos poucos, a carência de vias para o escoamento da produção e a dependência do comércio internacional gerou uma série de dificuldades para o desenvolvimento em nível econômico da província o que vai ser sentido no aspecto social com o diversos problemas enfrentados pela população, problemas estes já citados. Soma-se a esse quadro a falta de continuidade administrativa, onde o governante tendo apenas, ano, ano e meio à frente da província, era logo substituído e pouco ou nada fazia pelo povo que tanto necessitava. O café agora ganhando destaque no cenário nacional, subordina o açúcar e o algodão a posições secundárias, onde outrora assumiam grande destaque na economia não apenas da região nordeste, mais na economia do âmbito nacional.

Diante deste clima constante de economia instável, insatisfação social, falta de oportunidades, o mundo para muitos era um interminável território do não. Neste sentido é que afirma Durval Muniz de Albuquerque Júnior :

“(…) era de se esperar, por consequência, que esses homens, premiados pela fome, “perdessem o juízo” e exprimissem sua revolta contra um mundo que lhe reservava simplesmente a morte como desatino”. (ALBUQUERQUE, 1985, P.G 72).

4- Panorama de Campina Grande (1850 à 1880)

Uma das regiões mais atingidas por estes desastros era Campina Grande, local de feira movimentada e ponto de entrecruzamento de várias estradas. A sua figura, em meados do século XIX, era a de uma localidade pobre, cheia de becos e casas a ponto da ruína, lixos amontoados as ruas, misturando-se a animais que sobreviviam desse lixo, e muitos indigentes perambulando por entre as vielas e becos. Por essa época a província estava sendo vítima de uma grande seca que já seguia à anos, devido a isso, a água esta seria até o fim do século motivo de preocupações.

Campina Grande em matéria de higiene, causou por vezes o horror de vários governantes, a mesma apresentava grande precariedade higiênica, os habitantes despejavam seus excrementos a “céu aberto”, favorecendo a proliferação de moscas, mosquitos e várias doenças. Estavam presentes endemicamente moléstias como a tuberculose, o impaludismo, as febres, e, vez por outra, a cidade era assolada por epidemias de varíola, do cólera mórbus, disenteria, peste negra e de gripe espanhola, todas essas doenças foram desencadeadas a partir de meados do século XIX, persistindo a inícios do século XX.

A esse respeito Alarcon dialoga com o historiador Horácio de Almeida, quando visualiza que o Brasil tem um histórico, onde desde a colônia era vítima de sucessivas epidemias: tuberculose, febre amarela, varíola, etc; que constituíam o flagelo banal do cotidiano brasileiro, onde as mais diversas doenças assolaram a população e fora uma das principais causas da mortalidade à época. “As doenças se diluíam na paisagem: morria-se com fátura, na Paraíba. Feliz era quem morria de sucesso (...)” (AGRA, 2003, P.G 20)

5- Doenças que acometeram Campina Grande (1850 à 1880)

O mal do século, ou peste branca, como ficou conhecida a tuberculose na modernidade, ou a tísica, como a conheciam os antigos, era moléstia endêmica na Paraíba, já há bastante tempo quando da Proclamação da República. E não era um problema unicamente paraibano, mas brasileiro e também mundial desde o início do

século XIX. A peste branca, ficou conhecida como “mal do século” por ter se desenvolvido justamente no século do surgimento das grandes metrópoles, ocorrência que propiciou o seu alastramento.

A precariedade da ciência médica da época, que ainda estava tentando se constituir como saber autorizado sobre os corpos, e o imaginário social sobre a doença elaboraram diversas explicações a cerca das formas de se contrair a tuberculose. Alguns afirmam que a tuberculose estava ligada a hereditariedade e às condições de vida como habitação e trabalho, em relação às condições de vida, se relaciona à vida desregrada, sem pudores, sem controle, em que viviam algumas pessoas no século XIX. Os boêmios, os poetas, as prostitutas, por viverem essa vida fora do padrão “burguês” de normalidade, contraíam a tuberculose e morriam ainda jovens.

Até meados do século XIX, essas visões românticas foram sendo substituídas por uma visão médica higienista: De “doença da paixão”, passou a ser a “doença das aglomerações urbanas”, doença da falta de higiene. Os discursos médico e estatal construía as imagens de Campina Grande como cidade agraciada com um bom clima e com bons ventos, e isto acabava atraindo à cidade diversos doentes que, na ânsia por se curarem, vinham respirar esse “ar puro” da serra da Borborema. Entretanto, esse ar, que representava a cura de uma doença, poderia também representar a própria morte para aqueles que respirassem.

A tuberculose não era uma doença exclusiva dos centros urbanos populosos da Europa, cujas vítimas seriam apenas poetas românticos, vê-se que na Paraíba e mais precisamente em Campina Grande ela atingia preferencialmente as escravas, como nos mostra Lima:

“Igual destino teve Marta em 08/04/1873. Esta era preta, solteira, 50 anos de idade, e foi enterrada numa vala comum do cemitério do distrito de Fagundes, termo de Campina Grande, onde jaziam muitos outros corpos de ex-companheiros seus de cativoiro.” (LIMA, 2009, P.G 255)

Tornada problema social pelo discurso médico, os higienistas passaram a tomar medidas profiláticas de controle da tuberculose. Assim de doença hereditária ou provocada por uma vida desregrada, a tuberculose foi redefinida como uma doença ligada não só as aglomerações, mais também a pobreza. A profilaxia da tuberculose que se estabeleceu e continuou fazendo vítimas, visava desinfetar os ambientes insalubres e

permitir a areação dos mesmos, além de isolar-se os doentes, a fim de que este não disseminasse o mal de que era portador. No século XIX, com o nascimento dos sanatórios brasileiros.

Outra doença encontrada em Campina Grande fora as disenterias violentas (denominadas na linguagem da época de “câmaras de sangue”, devido aos estragos que causavam em suas vítimas) eram também motivo para o “passamento” de muitas pessoas desta vida para outra, principalmente de escravos.

Se muitas destas doenças eram males endêmicos no cotidiano, em determinados contextos históricos algumas delas se transformaram em verdadeiras epidemias, criando-se assim uma situação de pandemia e terror. A Paraíba também não escapara dos sucessivos surtos epidêmicos do cólera-morbus, ocorrido nos anos de 1855/1856 e repetido em menor escala em 1861/1862. Segundo Lima: “Campina Grande foi um dos municípios mais atingidos, tendo a “peste asiática”, subtraído oficialmente a vida de 1.547 de seus 17.895 moradores”. (LIMA, 2009, P.G, 264).

A malária ou impaludismo, esteve associado ao odor dos pântanos, à liberação de miasmas que empestariam as pessoas, na Paraíba, então, de acordo com este pensamento, o impaludismo teria sobrevivido por tanto tempo pela grande quantidade de pântanos que o Estado possuía, a permanência endêmica da malária na Paraíba durante todos os anos que compõem o nosso recorte temporal foi muito atribuída aos miasmas provenientes dos pântanos existentes nas cidades. Segundo o pensamento vigente, os gases mefíticos oriundos da decomposição de matéria orgânica presente nos pântanos seriam levados pelo vento às cidades, prejudicando a saúde de sua população.

As ruas campinenses, banhadas com dejetos domésticos, com as fezes e a urina da população, as fossas a céu aberto existentes em algumas casas, os diversos pântanos espalhados ao longo da cidade, o que se denunciava era que Campina Grande estava repleta de focos de miasmas, e que sua condição climática agradável e seus bons ares não seriam suficientes para salvar a cidade das doenças que constantemente atingiam. Agra nos diz:

“A malária, opunha-se à tuberculose: enquanto uma era mal típico das cidades e das aglomerações, a outra era doença mais costumeira dos campos, do meio rural. Campina Grande, possuía as duas, visto que já estava se transformando em uma cidade de muitos habitantes, mas ainda mantinha aspectos

tipicamente rurais, especialmente pântanos e regiões palustres.”
(AGRA, 2006, P.G 81).

A varíola também conhecida como “bexiga”, ceifou a vida de vários paraibanos ao longo do século XIX, transformando-se ao lado da tuberculose e do impaludismo, em causa principal de mortalidade dos habitantes das terras paraibanas. No ano da grande seca 1877, a varíola fez muitas vítimas, associada à falta de água, à fome e às péssimas condições de vida em que viviam as populações sertanejas nas principais cidades da província, inclusive Campina Grande que registrou muitas mortes em decorrência deste mal.

6- Práticas de Cura

Ao se tratar dos enfrentamentos que a população tinha para superar as epidemias e doenças, as pessoas se aliavam a fé, em meios a tantos agravos, rezava-se e muito na tentativa de se curar. Quando a fé não resolvia, chamava-se médicos e estudantes de outras províncias, para acompanhar os quadros de saúde. Porém a assistência médica era muito precária, ainda não se havia uma medicina tida como evoluída, capaz de sanar todas as doenças que a população enfrentavam neste momento e muitos apontavam essa deficiência devido à fragilidade das instituições brasileiras que formavam os médicos. Contudo, Alarcon mostra que lançando um olhar sobre o quadro do século XIX:

“A formação desses agentes médicos imbuídos na descoberta e na cura dos diversos males que afetavam o povo brasileiro se dava nas faculdades de medicina da Bahia e do Rio de Janeiro. Faculdades essas existentes desde 1832, e que combinavam as carências, de cada uma delas, com teorias importadas da Europa.” (AGRA, 2003. P.G 26)

O saber transmitido nestas escolas era mera cópia das teorias e dos métodos europeus, os quais chegavam às lentes do Império através da leitura dos tratados e compêndios importados da França, com frequência atrasados vários anos. Não havia meios materiais e econômicos necessários à pesquisa e mesmo as mais avançadas idéias da medicina francesa aqui se estiolavam quando aplicadas nas rudimentares escolas médicas.

As doenças ameaçavam a tranqüila harmonia, diante desse cenário tudo era válido para combater o horror da morte, seja a prática médica que ainda se construía pela província sendo ainda bem precária, seja a fé, a religiosidade, tudo isso na tentativa de se libertar desse mal. As mortes, sendo tantas e de impactos tão amplos, causavam grandes medos a população, era comum isolar um doente que apresentasse alguma moléstia infecciosa. “O povo corria às léguas de um bexiguento. Para isolar o paciente, a fim de não empestar o lugar, fazia-se um rancho no meio do mato e dele só se aproximava quem já tivesse sido marcado pelo mal.” (ALMEIDA, 1978, vol. 2: 190).

E para demonstrar a relação dos saberes médicos e dos conhecimentos populares, tidos como medicina caseira frente à realidade das mortes provocadas por cada epidemia que atingia a província, Horácio de Almeida nos mostra que era comum aliar esses dois conhecimentos, sendo que muitas vezes as práticas caseiras eram mais eficientes no tratamento das doenças:

“O povo, em geral usava o que tinha à mão para curar seus males, crendo em tradições por vezes datadas dos tempos da colônia, a exemplo de chás, garrafadas(...), e assim ia se constituindo a terapêutica popular, via curandeiros ou mezinhas, simpatias, promessas.” (ALMEIDA, 1978. Vol. 2: 190)

As sangrias e às sanguessugas também faziam parte das práticas de cura, estas técnicas seculares dos primórdios da medicina, tida como uma prática médica popular, sendo depois condenada pelo discurso científico como ilegal. Ainda em Campina Grande, um famoso curandeiro, José Cassimiro Barbosa, vulgo “Língua de Aço” foi preso algumas vezes pelas autoridades policiais pelo exercício “ilegal dessa medicina”.

As rezas também faziam parte do rol das tentativas de cura, as rezas eram grandes aliadas da fé. Lenilde Sá transcreve uma interessante oração:

“Para preservar da varíola há entre nós o sonho de Nossa Senhora, transladamos agora fielmente a oração: quem quiser ouvir, escute o S. de N. Senhora. A lua a gemer. O sol a expirar. De duas cordas foi atado. De coroas de espinho foi coroado: quem souber e não ensinar dia de juízo pagará: quem ouvir e não aprender dia de juízo se arrependerá.” (AGRA, 2006, P.G 86.)

A morte era abundante por esses tempos, a passagem dos cadáveres era uma cena comum no cotidiano da província. Devido a essas epidemias, o espaço foi sofrendo algumas alterações, como a construção do primeiro Cemitério feito em Campina Grande, o que causou grandes perturbações, pois agora os fiéis perdiam o direito ao repouso eterno nas igrejas e caía na obrigação de um sepultamento para além das vistas, essas práticas passavam a ser comum naqueles anos de segundo reinado. Segundo Agra: “Campina Grande, por sua vez, teria seu primeiro cemitério construído em 1857, na rua das Boninas (atual Félix Araújo).” (AGRA, 2006, P.g 77).

Os cemitérios, assim, foram afastados do interior das cidades por questões de higiene, pois se achava que os mortos ainda poderiam afetar os vivos por meio dos miasmas que expeliam no ar e além da disciplinarização dos sepultamentos e sua restrição a um único espaço da cidade, haviam uma série de cuidados rituais para o destino dos mortos.

“Quando morria uma pessoa atacada dos males era enterrada em cova funda, sobre a qual se faziam fogueiras durante três dias consecutivos. Após essa medida de cautela, ladrilhava-se o chão da cova para impedir que saíssem os vapores ruins e contaminassem os ares.” (ALMEIDA, 1978, vol. 2: 191).

7- Considerações Finais

As condições sanitárias precárias, bem como o saber popular do século XIX, eram ainda o espaço ideal para o surgimento de higienistas que desclassificavam as estratégias do funcionamento da vida social. Neste espaço que estava dando à luz a uma nova maneira entre a saúde e a doença, apenas o médico, este sujeito da saúde, poderia eliminar da sociedade seus vícios e suas mazelas, produzindo ao mesmo tempo a saúde coletiva e a privada, mediante a higienização e a disciplinarização dos corpos e dos espaços.

No Brasil, vivia-se uma medicina cuja característica principal era a organização incessante de medidas de controle do espaço social, para criar melhores condições de saúde ou destruir o que poderia ser causa de doença. Assim foi se institucionalizando a presença do médico no cotidiano das populações, os médicos achavam fundamental

invadir todos os aspectos da vida social, sendo assim meta do Estado, através destes personagens poderosos sobre o corpo, “corrigir o curso da morte e impedir o enfraquecimento biológico das populações.” (AGRA, 2003. P.G 39).

Então é neste contexto que se foi construindo o cenário de Campina Grande, com suas mudanças e transformações que se davam de forma lenta e gradual, com a incorporação do discurso higiênico nascente em todo país, difundindo o “ideal modernizador”, a ideologia da higiene inspirada nos moldes europeus, contrastada com todos os problemas vigentes que a época oferecia e no caso aqui mais específico, as doenças em suas várias maneiras, as práticas de cura tendo o enfrentamento da medicina popular com a medicina científica e a saúde como busca incessante de todos.

ABSTRACT

This article aims to analyse in face of all the social and economic transformations occurred in the second part of the 19th century, the scene of Campina Grande, related to the situation of the health-sick of this city, where, generally, the popular medicine was seen as more effective than the official medicine, through of the varied ways that was performed by people of that time as an attempt of healing themselves from the ills that existed and made many victims in this time.

Key Words: Health, Ills, Healing Practices.

Referências Bibliográficas:

AGRA DO Ó, A. Relatos de males: notas acerca dos modos de adoecer na Paraíba Imperial. A Paraíba no Império e na República: estudos de história social e cultural. 1 ed. João Pessoa: Idéia, 2003, v. , p. 11-45.

AGRA, G. F. A urbs doente medicada: A higiene na construção de Campina Grande (1877-1935). Campina. Grande: Editora Marcone, 2006.

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz. “A fome tira o juízo” in GRÃO. Revista de Ciências Sociais. CH/UFPB. Ano I, nº 4- setembro/outubro de 1985. PP. 65-80.

ALMEIDA, Horácio de. História da Paraíba - vol. I. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 1978.

CHALHOUB, Sidney. Cidade Febril: cortiços e epidemias na Corte imperial/ Sidney Chalhoub- São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

LIMA, Luciano Mendonça de. Cativos da “Rainha da Borborema”: uma história social da escravidão em Campina Grande- século XIX. / Luciano Mendonça de Lima- Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2009.

MIRANDA, Carlos Alberto Cunha. A arte de curar nos tempos da colônia: limites e espaços da cura/ Carlos Alberto Cunha Miranda- 2ª. Ed. Ver. Ampl. e atual. - Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2011.

MELLO, José Octávio de Arruda. História da Paraíba: lutas e resistências. 2a Ed. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 1995

MICHAELIS - Moderno dicionário da língua portuguesa. São Paulo, Melhoramentos, 1998

ODÁLIA, Nilo. As Formas do Mesmo. São Paulo, Ed. UNESP, 1997.

REIS, João José, 1952. *A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*/ João José Reis. – São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

SAMPAIO, Gabriela dos Reis. *Nas trincheiras da cura: as diferentes medicinas no Rio de Janeiro imperial*/ Gabriela dos Reis Sampaio. – Campinas, SP: Editora da UNICAMP, CECULT, IFCH, 2001.